GERAÇÃO PRATEADA

+60, mais possibilidades

Cresce a procura, no país, por formação superior entre pessoas idosas. No Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cuja segunda prova será aplicada neste domingo, são 13.821 candidatos inscritos

» ALICE FERREIRA*

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 58,4 mil brasileiros com mais de 50 anos ingressaram no ensino superior em 2015. Em 2024, o número subiu para 211,2 mil, um crescimento de 262%. Neste ano, conforme o Inep, 13.821 candidatos com mais de 60 anos foram confirmados para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Voltar a estudar pode parecer um cenário distante para pessoas mais velhas, porque a tecnologia, o deslocamento e a adaptação são grandes desafios nessa trajetória.

Aprendizado não tem idade

Apesar disso, é eminente o aumento do número de alunos nessa faixa etária. Rosilda Rosa é exemplo disso: aos 91 anos, ela se inscreveu no Enem. Moradora de Cruzeta (RS), conta que vem de uma família grande, de 12 irmãos. "Dos meus irmãos, seis fizeram faculdade", diz. Rosilda fez a primeira graduação em pedagogia aos 40 anos, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e lecionou por 40 anos. Agora, pretende cursar licenciatura em geografia. "A minha memória ainda está boa. Então, eu quero fazer geografia, que era o meu desejo há 50 anos. Agora vai dar certo. Eu estou me preparando para matemática", conta.

Sobre a experiência da prova, Rosilda diz que não ficou nervosa. "Peguei uma sala especial, com poucos alunos. Eu estava tão tranquila que não tinha nem vontade de tomar água, acredita? Aquelas questões longas, 90 questões, quando eu cheguei à redação, fiquei meio nervosa. Eu pensei: 'Não, eu vou enfrentar.'" Ela afirma que, se for aprovada, vai tentar de tudo para continuar estudando e que, apesar da idade, da fraqueza nas pernas e do cansaço, segue com muita vontade de aprender.

O pensamento de que é preciso ter tudo estabelecido aos 50 anos é, na verdade, um mito. É possível ter ânsia de aprender mesmo quando dizem que é "tarde demais". A diretora acadêmica Simone Espinosa, 54 anos, comenta: "Estudar na juventude, desenvolver uma carreira na vida adulta e depois se aposentar. Ainda que isso esteja muito presente na sociedade, não representa todas as trajetórias. Quando a gente pensa que a expectativa de vida aumentou, as pessoas também precisam pensar o que vão fazer para se manterem ativas depois dessa aposentadoria."

A adaptação dos alunos faz parte dos planos da instituição. Lidar com diferentes faixas etárias e com deficiências físicas e cognitivas são temas abordados com os docentes em semanas pedagógicas. "Olha só, a universidade recebe pessoas com trajetórias muito diferentes. Isso é histórico, independentemente de a gente pensar no público 50 mais, né? Essas particularidades fazem parte do contexto de toda a organização que a gente faz aqui relacionada ao processo de aprendizagem dos nossos alunos", afirma a diretora.

O Centro Universitário de Brasília (Ceub) criou a campanha Bolsas 50+. Segundo Simone, a ideia surgiu após a equipe observar os dados do Censo e os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o aumento da expectativa de vida. Segundo a instituição, as matrículas de alunos com 50 anos ou mais cresceram cerca de 22% em relação ao ano passado: 75% desses alunos estão em cursos de graduação e 25% em pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado). O processo seletivo segue aberto, e quem se inscrever ingressa em fevereiro de 2027.

Ressignificando a perda

Filha de poeta, natural de Mossoró (RN) e uma de 11 irmãos, Maria Lúcia Lopes mora em Brasília desde 1970 e diz amar a cidade. Começou a trabalhar aos 14 anos e se aposentou cedo, após mais de 20 anos na Caixa Econômica Federal, onde atuou em diversas áreas. Durante a pandemia, perdeu pessoas queridas e, por isso, decidiu voltar a estudar e dar um novo sentido à vida. "O curso de psicologia me inspirou, porque desejava conhecer um pouco mais sobre o comportamento humano, para entender a mim mesma e aos outros e também para evoluir como pessoa." A dificuldade com a tecnologia é recorrente, mas a aluna afirma que todo o esforço vale a pena.

Créditos: Gláucia Lima



Rosilda Rosa, 91 anos, fez a primeira prova do Enem no último domingo

Ao voltar para a faculdade, diz, teve a oportunidade de descobrir um novo mundo, sair da rotina, fazer amigos e enfrentar os desafios que vêm com a aprendizagem.

Aos 25 anos, Maria Lúcia se formou em ciências econômicas; aos 70, voltou à faculdade. "Em relação à primeira graduação, devo dizer que o processo foi bem diferente. Não havia monografia, pesquisa, trabalho de conclusão de curso", comenta. Ela conta que foi bem recebida por colegas e professores e que se sente amada, acolhida e respeitada. A maior dificuldade é o transporte público. "O mais difícil é que vou e volto de ônibus, as carteiras são um pouco desconfortáveis, e o ar-condicionado me incomoda um pouco. Mas nada disso me fez desistir de realizar meu sonho." Maria Lúcia sonha em se especializar em psicologia social, garante que está no caminho certo e gosta de saber que poderá ajudar pessoas com o seu trabalho.

Sonho e conquista

Alguns sonhos demoram a se realizar, mas nunca é tarde para se dedicar a eles. Aos 55 anos, Marinalva Teixeira conta que sempre sonhou em trabalhar com gastronomia. Aos 15, teve sua primeira oportunidade na cozinha, mas enfrentou muitas dificuldades ao longo do caminho. Trabalhou em casas de família e em restaurantes, e sempre observava os chefs, perguntando-se quando poderia chegar àquele nível. Mesmo com as dificuldades financeiras, diz, nunca deixou de acreditar e seguiu se esforçando por onde passava.

Ela decidiu ingressar no curso depois de assistir, no Facebook, a um vídeo do professor José Eduardo Duó sobre a graduação. No dia seguinte, estava conhecendo o câmpus. "Ali, vi uma oportunidade de adquirir novos conhecimentos, aprender técnicas e realizar o sonho que carregava há muitos anos." Marinalva relata